

As passeatas pelo impeachment em 1992 e os jovens “carapintadas”.

Luís Antonio Groppo

Nos meses de agosto e setembro de 1992 os estudantes secundaristas deram a saída na mobilização popular em favor do impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo, através de passeatas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Dia 11 de agosto de 1992. Manhã de terça-feira. Cidade de São Paulo. Uma passeata de estudantes sai do Museu de São Paulo (MASP), na Avenida Paulista, e segue pela Avenida Brigadeiro Luís Antonio até o Largo São Francisco. São cerca de 10 mil jovens, cantando Geraldo Vandré ("Prá não dizer que não falei das flores") e Caetano Veloso ("Alegria, Alegria"); também começam a criar musiquinhas contra o presidente Collor e sua corte: "Se ballançar, elle cai"; "Rosane¹, que coisa feia, vai com Collor pra cadeia". (Jornal do Campus, USP, São Paulo, 19/ago./1992).

Trazem também faixas e bandeiras. A promoção da passeata foi da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) - a UNE (União Nacional dos Estudantes) só marcará presença nas próximas passeatas. Os estudantes secundaristas largam na frente, com sua entidade nacional, e constituem grande parte dos que estão na passeata, além de serem mais criativos que os tímidos universitários.

Os jovens começam a espantar a todos. Pensava-se que as passeatas estudantis eram coisa do passado.

No mesmo dia, na cidade do Rio de Janeiro, os estudantes fizeram também uma passeata, enquanto cantavam: "Ai ai ai, empurra que ele cai". Traziam também enormes cheques que Paulo César Farias teria assinado para o presidente Collor, do Banco Rural. Um grupo de 20 pessoas se fantasiaram de "Ratazanas do Planalto". Outros, de fantasmas. (ibid.).

Tratavam-se das primeiras manifestações populares que conseguiram atrair um público relativamente grande, por ocasião do início do inquérito contra os crimes de

¹ Rosane Collor, então primeira-dama e esposa do presidente.

responsabilidade cometidos pelo presidente Fernando Collor de Melo. Este inquérito resultará no processo de impeachment de Collor e culminará na sua renúncia.

Neste início de agosto, o apoio popular à oposição política de Collor ainda não estava garantido. Semanas antes, o presidente conseguira melhorar sua posição na “opinião pública”, depois de um bem sucedido discurso em rede de televisão, em que negava as acusações que lhe eram dirigidas.

Com estas duas passeatas, apesar de modestas em seu tamanho, a "opinião pública" parecia estar voltando-se outra vez contra o presidente. Também, o inquérito continuava e a oposição política crescia. Tentando repetir a estratégia, nesta mesma semana de agosto, o presidente volta à TV. É mais ofensivo contra seus opositores políticos, chamando-os de Sindicato do Golpe e Central Única dos Conspiradores – o presidente procurava associar a oposição, que já se tornava pluripartidária e ampla, apenas ao PT (Partido dos Trabalhadores) e à CUT (Central Única dos Trabalhadores), tentando estereotipá-la, do mesmo modo abrindo espaço para outros políticos voltarem a apoiá-lo. Seu discurso procura também desmoralizar e minimizar o início do movimento "popular", dizendo que os manifestantes são uma minoria. Para o dia 16 de agosto, domingo, algumas passeatas e atos tinham sido marcados. Provavelmente teriam o mesmo público modesto. Mas o presidente quis conclamar a manifestação popular para si: "O presidente terminou (o seu discurso na TV) pedindo que no domingo, dia 16, panos e toalhas nas cores da bandeira brasileira sejam expostas nas janelas e fitas verde-amarelas enfeitem as antenas dos automóveis" (Veja, 19/ago./1992, p. 22).

Esta grande manifestação popular veio, mas não a seu favor. A cor escolhida pelos manifestantes - a maioria jovens estudantes - não foi o verde ou o amarelo. O dia 16 de agosto foi chamado de o "domingo negro". Na interpretação da Revista Veja a idéia de "sair de preto" brotou instintivamente e dissimulou-se naturalmente entre a população. Os partidos e grupos que organizavam as manifestações só assumiram depois a brilhante idéia. O que realmente pode ser destacado das primeiras manifestantes é o seu caráter quase espontâneo, pelo menos na aparência. Segundo a própria revista, isto parecia inédito, tomando como exemplo a Campanha pelas Diretas de 1984 que alimentou-se de assembleias minguadas até que o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) entrou em cena: "Os protestos de 1992 chegaram às ruas sem o apelo de um único governador, sem a liderança de nenhum partido político, nem de oposição" (ibid., p.23).

Sob este ponto de vista, nem mesmo os opositores de Collor até aquele momento pensavam seriamente em mobilizar setores da população. Tudo começou com "passeatas de colegiais" e com um discurso impensado do próprio presidente. Assim como nas campanhas pelas diretas, a classe média vai às ruas em manifestações. Mas, pelo menos em São Paulo e no Rio, os grandes atores são estudantes, com notável (e inesperada) participação dos secundaristas.

No entanto, para muitos, tratava-se apenas de uma imitação ingênua das passeatas estudantis - e universitárias, por sinal - dos anos 1960. Principalmente porque nesta mesma época a TV Globo transmitia a mini-série "Anos Rebeldes", retratando justamente o movimento estudantil dos anos 1960 e 70, de modo romantizado e novelesco. Contudo, deve se discordar de uma análise simplista que associe as passeatas pelo impeachment a um reflexo pré-programado pela mídia através de um seriado novelesco. A influência, a imitação e mesmo a admiração pelos "anos rebeldes" existiu até certo ponto, mas não foi supra-determinante.

No Rio de Janeiro, neste 16 de agosto, são realizadas sete manifestações. Uma delas, uma passeata com 50 mil pessoas, passa em frente do apartamento do governador Leonel Brizola na Praia de Copacabana. O governador até então apoiava o presidente. Mas os manifestantes, gritando, começaram a fazê-lo mudar de posição: "Pecê, Pecê, seu dinheiro colloriu o Pedetê" (aludindo ao PC Farias e ao PDT, partido de Brizola) (ibid.).

Em São Paulo realizam-se seis atos. O maior deles foi uma passeata no Parque do Ibirapuera, que reuniu dez mil pessoas - principalmente jovens. A criatividade de São Paulo começa a superar a do Rio. Respondendo ao presidente, manifestantes trazem a bandeira do Brasil em nova versão: em vez do verde-amarelo, branco e preto, em vez de "Ordem e Progresso", lia-se "Fora Collor". Também há pirulitos gigantes em que está inscrito "X" Collor". Há uma simbólica venda de "mãos de corruptos" (mãos de manequins) com nomes de Collor e PC Farias. Fantasias de fantasmas e de mentirosos com grandes narizes de espuma roxos. Bonecos de Collor e PC Farias² vestidos de presidiários. Ratazanas de bigode e óculos, representando PC Farias. Enterro simbólico do presidente, com caixão dourado, Rosane, PC Farias, dólares e porquinhos.

² Paulo César Farias, empresário que fora tesoureiro da campanha eleitoral de Collor e atuava nos bastidores do mundo político cobrando favores em nome do presidente, conforme acusação que detonou o processo de impeachment de Collor.

Mas a marca visual mais presente está nos rostos dos jovens, pintados com tinta guache preta. Por causa disto, foram chamados de a juventude carapintada, porque pintavam seus rostos de preto do mesmo modo que os "carapintadas" argentinos, rebeldes militares ativos nesta mesma época. Nas manifestações seguintes, entretanto, somar-se-ão ao preto dos rostos e das roupas novamente as cores da bandeira nacional, um alívio para os que temiam que o movimento pudesse ter um contraditório cunho anti-nacionalista.

Além do guache nos rostos, outra marca fascinante das passeatas são as musiquinhas e refrões criados ou adaptados pela irreverente criatividade dos estudantes, tais como:

Cheira Fernandinho, Fernandinho cheira, cheira Fernandinho que acabou sua carreira.

É ou não é, piada de salão, o chefe da quadrilha , o presidente da nação.

Justiça dobrada. Collor na cadeia e Rosane sem mesada.

Derruba Senhor, derruba Senhor, derruba o Fernandinho cheirador.

Rosane, sua galinha, foi o PC que pagou sua calcinha (Veja, 26/ago./1992, p. 23).

O auge do movimento foi a passeata de 25 de agosto que reuniu 200 mil estudantes no centro de São Paulo. A passeata foi organizada pela UNE e UBES, seguindo roteiro semelhante à do dia 11 de agosto: saem às 10 horas do MASP, percorrem a Avenida Brigadeiro Luís Antonio e chegam às 14 horas no Vale do Anhangabaú.

Novos hits somam-se à trilha sonora:

Ah ah, uh uh, queremos Collor no Carandiru.

Fernandinho, dinho, dinho/ Desde pequeno sempre mimadinho (versão rap).

Ô, Fernandinho, vê se te orienta, já sabem do teu furo no Imposto de Renda (versão para *Hei Al Capone*, de Raul Seixas) (ibid.).

A Folha de São Paulo (26/ago./1992) ressalta, mais ou menos negativamente, o uso de palavrões. Além disso, havia inscrições de "Fora Collor", em guache, até no traseiro de um garoto. Mas, segundo o jornal, o que teve mais sucesso na passeata foi a "dança da

chuva". Garotos e meninas imitavam o passo de uma "dança da chuva", indo de um lado para outro, gritando "Fora Collor" ao som de tambores improvisados.

Segundo a Folha, os líderes estudantis procuravam puxar refrões mais politizados, como, por exemplo, um refrão de apoio à Cuba ("Brasil, Cuba, um só coração"), sem respaldo algum da multidão, que queria saber mais de deboche e "dança da chuva".

Às 17 horas, no mesmo dia, no Vale do Anhangabaú, realiza-se um ato dos "adultos", com público calculado em 200 mil pessoas.

Já o ato organizado pela Força Sindical em São Paulo, especialmente para a "classe trabalhadora", seria um fracasso. A Força Sindical marcara um ato público na Praça da Sé, numa sexta feira, dia 11 de setembro. Era um ato que reunia entidades sindicais e empresariais, que representaria a mobilização da classe trabalhadora e empresários. A Polícia Militar calculou que vieram apenas 8 mil pessoas. A organização contou 50 mil. De todo modo, não se chegava nem perto do ato no Anhangabaú ou da passeata dos secundaristas do dia 25 de agosto. (Folha de S. Paulo, 12/set./1992, p. I-4).

Quanto às manifestações da "classe média" e da política institucional, vai se formar um grupo pluripartidário e com participação de inúmeras organizações políticas, que se incumbiria de organizar os atos públicos. Era o "Movimento pela Ética na política". O ato do dia 25 de agosto, no Vale do Anhangabaú, já fôra organizado por ele. Curiosamente, é a partir da entrada dos partidos e grupos políticos que começam as primeiras confusões e violências nestas manifestações.

No dia 15 de setembro, no Rio de Janeiro, a UNE convocou uma passeata. A Polícia Militar conta 10 mil pessoas, a UNE chega a falar de 100 mil (?!). Mas, a marca desta passeata foi o grande número de discussões e brigas. Primeiro, candidatos à prefeitura da cidade não ousam aparecer ou falar em carros de som, ou mesmo fazer campanha no chão. Os cabos eleitorais são hostilizados pelos jovens. Ao meio dia, o prefeito da cidade sobe no carro de som, abraçado pelo presidente da UNE, recebendo grande vaia. Em cima do carro, durante todo o percurso da passeata, partidários do PDT (Partido Democrático Trabalhista, do governador fluminense Brizola) e membros da Convergência Socialista (ala do PT, que no ano seguinte seria expulsa do partido) brigam por espaço e pela palavra. Depois de mais um bate-boca e de uma briga sobre o carro de som, o prefeito e o presidente de uma outra entidade estudantil descem e são empurrados pela multidão. Segundo alguns, teriam recebido alguns tapas na cabeça, até conseguirem se refugiar. (ibid.).

Em setembro, a tendência do movimento também foi a de se espalhar pelas capitais do país. No dia 15 de setembro, a cidade de Curitiba viveu a maior manifestação de sua história, com ato e passeata reunindo 45 mil pessoas (segundo a Polícia Militar) ou 80 mil (segundo os organizadores). No dia 18 há manifestações em João Pessoa (Paraíba), reunindo cerca de 25 mil pessoas; em Natal (Rio Grande do Norte), com 12 mil pessoas; em Rio Branco (Acre), uma passeata com 5 mil pessoas¹¹; e um protesto em Porto Velho (Rondônia). (Folha de S. Paulo, 19/set./1992, p. I-10).

Em São Paulo, os atos do "Movimento pela Ética na Política" atingem seu auge, enquanto que os atos dos estudantes começam a declinar. O ato de 18 de setembro no Vale do Anhangabaú, organizado pelo primeiro, será o maior de todos os atos pró-impeachment.

Contudo, como no Rio, este ato promovido pelo Movimento pela Ética também teve os seus problemas, a começar pelo cálculo do número de participantes. A Polícia Militar contou 650 mil presentes, a organização falou em 1 milhão, já a Folha de São Paulo - usando cálculo publicado no dia anterior - falou em apenas 70 mil pessoas (?!). (ibid.). Outro problema foi o empurra-empurra entre "militantes" do PMDB (pagos pelo partido) e militantes do PT para ocupar o espaço diante do palanque.

Pela manhã do mesmo dia, tinha ocorrido mais uma passeata dos estudantes em São Paulo. Segundo a Folha, seria ter sido mais pacífica, não fossem os refrões mais violentos e o maior uso de palavrões. (ibid.). Dias antes, a mãe do presidente tinha sido internada, supostamente em gravíssimo estado de saúde após um enfarto. Mas isto não comoveu nem um pouco os jovens estudantes, e talvez por isso a Folha reclamou da "maior agressividade". Diziam alguns refrõezinhos dos manifestantes: "Deve doer/ no coração/ criar um filho tão ladrão"; "E mata a véia/ E mata a véia/ olê olê olê" (ibid.). Outros refrões e musiquinhas falam do jardim da Casa da Dinda (um dos pivôs das denúncias contra Collor) e até do ministro da Economia.

Minha gente, no jardim da corrupção/ PC plantou dólares de montão/ nasceram cinco cachoeiras/ E carpas do Japão.

Tira o Collor da cadeia e afoga na cachoeira.

Marcílio³, ô seu careca, foi o PC quem pagou sua cueca. (ibid.).

³ Marcílio Marques Moreira, então Ministro da Economia.

Se a passeata do dia 25 de agosto em São Paulo levara 200 mil estudantes, esta do dia 18 de setembro levou apenas 45 mil, segundo cálculos da Polícia Militar. Os líderes estudantis denunciaram que algumas escolas particulares tinham proibido os estudantes de ir às passeatas, e algumas marcaram provas, o que ficou constatado pela Folha. (ibid.). Mas, de qualquer modo, parece que menos jovens decidiram "matar aula" e pular os muros de suas escolas. Não é incomum se ouvir dizer, até hoje, que os estudantes só se motivaram a ir nas passeatas para não ter que assistir aula. Caso isso tenha sido verdade, poderia-se dizer também que certas brincadeiras tem graça só uma vez.

O último ato antes da votação do impeachment deu-se no Rio de Janeiro, na Candelária, no dia 25 de setembro. Os cálculos do público novamente foram muito díspares. A Polícia Militar falou de 18 mil pessoas, a Defesa Civil em 50 mil e os organizadores divulgaram 420 mil (?!). O ato, organizado pelo Movimento pela Ética na Política foi marcado pela paz entre partidários do PT e do PDT - paz negociada -, ao contrário da passeata do dia 15 de setembro. (Folha de S. Paulo, 26/set./1992, p. I-10).

Começa a se falar da possibilidade de uma "greve geral", caso o Congresso não aprovasse o afastamento do presidente. Além disso, desde as primeiras passeatas, alguns refrões ameaçavam a "ordem social" caso não houvesse a aprovação. Por causa disto, temendo uma onda de distúrbios pelo país, as Polícias Militares e até o Exército deixaram milhares de homens de prontidão. O Exército acionou 50 mil soldados nas capitais. A Polícia Militar acionou 13 mil homens, só em Brasília. Havia entre os escalões militares grande temor no caso do processo do impeachment não ser autorizado pelo Congresso. Dizia um oficial do Exército: "Todos devem estar preparados para uma eventual intervenção para coibir quebra-quebras". (Folha de S. Paulo, 29/set./1992, p. I-12).

Neste dia 28 de setembro, muitos atos e manifestações foram programados nas principais cidades do país para acompanhar a votação

"Brasil pára durante a votação do pedido do impeachment de Collor". (ibid.). São 500 mil pessoas nas ruas em todo país, segundo a Folha. A maioria está em volta do Congresso Nacional, em Brasília - 100 mil pessoas segundo a Polícia Militar, 190 mil segundo organizadores. 8 mil soldados observam. Há um atraso no início da votação do Congresso, o que renovou o temor de possíveis quebra-quebras.

Em São Paulo, são 120 mil pessoas no Vale do Anhangabaú (segundo a Polícia Militar) ou 300 mil (segundo organizadores). Na Cinelândia, no Rio, são apenas 8 mil

pessoas. Em Belo Horizonte são 20 mil (segundo Polícia Militar) ou 50 mil (segundo organizadores) na Avenida Afonso Pena. Também há atos em Fortaleza, Recife e outras capitais e grandes cidades.

Os deputados finalmente aprovam a autorização para o Senado processar o presidente por crime de responsabilidade, afastando-o provisoriamente por seis meses do cargo.

Os que temiam o pior respiram aliviados. Em vez de quebra-quebras, o clima é de comemoração. A Folha compara a reação "popular" com a comemoração de uma Copa do Mundo ou com o Carnaval: "São Paulo festeja em clima de Copa: [...] De mãos dadas e braços erguidos, a multidão reunida no Vale do Anhangabaú [...] cantou o Hino Nacional e vibrou muito quando foram transmitidos, em contagem regressiva, os últimos cinco votos decisivos" (Folha de S. Paulo, 29/set./1992, ed. Extra, p. 1).

Em São Paulo, além da comemoração no Vale, muitos estudantes acompanharam a votação em telões no vão livre do MASP, de onde partiam as passeatas dos secundaristas. No Rio, apesar do público menor, o entusiasmo foi grande: "O resultado da votação foi saudado na Cinelândia com fogos de artifício, papéis picados [...]. O Hino Nacional foi puxado em ritmo de samba do alto de um trio elétrico e os braços forma levantados e movimentados em coreografia consagrada nas arquibancadas do Maracanã" (ibid.).

Clima de Carnaval e de Copa do Mundo, coreografias trazidas diretamente dos campos de futebol. Os brasileiros fazem política à sua maneira.

Quem eram os jovens que participaram das passeatas que, por mais de uma vez, encheram o centro da capital paulista? A Folha de S. Paulo, através do Data-Folha, realizou uma enquete com 219 participantes da passeata do dia 18 de setembro. (Folha de S. Paulo, 28/set./1992, Folhateen, p. 1).

A maioria eram jovens de 16 a 20 anos - 59%. 17% tinham até 15 anos e 11% tinham 21 anos ou mais. Os estudantes secundaristas dominaram esta passeata, perfazendo 55% do total contra 25% de universitários e 12% de estudantes de primeiro grau. Havia praticamente um empate entre estudantes de escola pública e particular (44% e 48%). O PT foi o partido preferido, com 55% das indicações, seguido pelo PSDB, com 15%.

Nem os estudantes universitários, nem o movimento sindical conseguiram se aproximar, neste momento, da mobilização daquela faixa etária predominante entre os

secundaristas. Faixa etária que nunca tinha se mobilizado deste modo antes na história brasileira. E, o que era ainda mais inesperado, jovens de uma geração apontada como apática, individualista, desmobilizada e alienada.

Não houve tom partidário e ideológico predominante nestas manifestações, notadamente entre os estudantes. Se a organização dos atos era a mais pluripartidária possível, os valores motivadores dos estudantes eram mais díspares e variados ainda. O que houve foi um momento em que os tradicionais símbolos da rebeldia juvenil e do Movimento estudantil, e não exatamente suas ideologias, sob o único lema que era consenso - "Fora Collor!" -, conseguiram aglutinar jovens de diversas categorias sociais e visões de mundo.

Qual teria sido o valor político das passeatas estudantis, bem como seu peso concreto? O que as teriam detonado? Será que essa geração vingaria contra seus rótulos negativos?

Um editorial do *Jornal do Campus*, de estudantes de jornalismo da USP, reflete bem sobre isto. O editorial está mais preocupado com a questão do reavivamento das entidades e do Movimento Estudantil. Encara, à sua maneira, a distância entre o discurso e as expectativas dos líderes da UNE e UBES e a multidão estudantil em passeata.

É inegável que os estudantes tomaram as ruas do país, mas isso não significa necessariamente sua participação efetiva no Movimento Estudantil. [...] Eles sabem o que significa impeachment, mas não têm noção exata do significado da palavra UNE na História. Lotam as principais avenidas de São Paulo, mas não chegam sequer a formar filas nas eleições para um representante discente no Conselho Universitário [...]. O ME voltou a ter força, mas resta saber se isto continuar sendo uma realidade depois da votação do impeachment ("Mudanças sem memória". *Jornal do Campus*, São Paulo, USP, p. 2).

O jornalista Marcelo Rubens Paiva alerta sobre uma diferença que seria crucial entre as passeatas dos anos 1960 e as de 1992. Nos anos 1960 a repressão policial e militar saía contra os jovens. Agora, a polícia protege os manifestantes, as autoridades auxiliam na organização dos comícios e até discursam, a imprensa escrita divulga o roteiro das passeatas e até a TV Globo parece apoiá-los.

A liderança (dos estudantes) sobe nos palanques montados pela prefeitura e pelo governo do Estado, a repressão ajuda a interromper o trânsito, as palavras de ordem viraram jingles, os rostos estão pintados e, à noite, o Globo Repórter dedica uma hora, em horário nobre, para a onda teen. [...] Um tom oficial entra em choque com a espontaneidade juvenil. Ratazanas da política procuram se aproveitar de manifestantes ingênuos. Aí mora o perigo. (Folha de S. Paulo, 19/set./1992, p. I-10).

Na verdade, confirmando os temores de Paiva, os estudantes não estavam necessariamente "contra" a sociedade. Em São Paulo, a imprensa mostra a adesão dos pais dos estudantes e dos políticos mais diversos. Vários pais e mães livraram-se do temor inicial de que as passeatas poderiam decair em distúrbios, e alguns até vieram com os filhos para as ruas. E os políticos formavam um "variado consórcio de lideranças políticas, sindicais e empresariais", o "Movimento pela Ética na Política". (ibid.).

Com a aprovação do pedido de processo, entretanto, o que se teve foi uma grande festa pelo país. Dias depois, a Revista Veja saudava com entusiasmo o que teria sido a "vitória do povo", esquecendo que as classes trabalhadoras pouco participaram do movimento. (23/set./1992, p. 30).

A Folha de S. Paulo, por sua vez, teve durante o mês de setembro uma posição desconfiada para com os atos estudantis, e mostrou artigos que lançavam dúvidas sobre o valor real deste movimento. Chegaram até a implicar com a tinta dos "carapintadas", que poderia prejudicar a pele (16/set./1992). Mas, dedicou depois todo um caderno para elogiar contundentemente os "teens":

Os teens não pegaram o bonde da história: fizeram ele andar. E, quem diria, deram um baile em quem tinha o péssimo hábito de falar que vida de adolescente era ficar bestando em shopping-center [...]. Quando as primeiras caras coloridas apareceram, ninguém deu muita bola. Mas no dia 25 de agosto foi um susto: eram milhares de pessoas andando pelas ruas do país todo, a maior parte com menos de 20 anos [...]. Os jovens passaram a ser o centro das atenções. (Folha de S. Paulo, 5/out./1992, Folhateen, p. 1).

O retórico artigo retoma a velha tradição de medir as ações políticas apenas pelos seus resultados. Além disso, esquece que a vida do adolescente de classe média continuava a ser também feita de passeios em shopping-center, além de outras diversões e pontos de encontro. Afinal, não seriam de outros lugares que os estudantes trariam a alegria, espírito lúdico e uma criatividade particular para as passeatas "políticas".

A cara das passeatas levava a cara dos próprios jovens: espírito de diversão, criatividade bem-humorada e até paqueras. As passeatas também foram o lugar possível de expressão da diversidade cultural e das diferentes expectativas pessoais e políticas: punks ecológicos, comunistas com ou sem partido, "mauricinhos" e "patricinhas", etc.

A Folha, na cobertura da passeata do dia 25 de agosto, reportou sobre namoros e paqueras durante a manifestação. Casais de namorados vão juntos à passeata, transformando a participação social em encontro carinhoso. Paqueras de escola se transformam em namoros ou "ficas". Outros, trocam telefones e cantadas. Em meio às conversas, brincadeiras, bebidas e danças nos pontos de encontro, os jovens desenvolvem seu modo particular de relações afetivas. Em meio às faixas, bandeiras e passeatas, estas relações são trazidas e fazem parte do fato social.

Não é preciso comparar 1968 com 92 para perceber as particularidades do segundo. Basta comparar os discursos e expectativas dos próprios líderes estudantis com os jovens que os "seguiram". Viu-se, na passeata de 25 de agosto, que líderes da UNE e UBES tentaram fazer a "massa" aderir a uma ode à Cuba, sem sucesso algum. Na verdade, o que unia aquela "massa" tão variada em expectativas era o lema "Fora Collor!". Todo refrão ou musiquinha que simplesmente difamasse o presidente e sua corte, desde que tivesse bom humor ou ironia, teria muito mais chance de respaldo. Como a brincadeira que teve mais sucesso, a "dança da chuva", em que a versão teen de um ritual indígena era entrecortada simplesmente pelo grito "Fora Collor".

Não é tão forçado assim concluir que essas características peculiares das passeatas estudantis de 1992 - apartidarismo, bom humor, ataques pessoais e irônicos, estreiteza do lema comum - mostram que trata-se de um movimento com pouco tom político real, de enganosa consciência e de pequena eficácia para o futuro dos movimentos juvenis. Afinal, as juventudes nos seus cotidianos continuavam as mesmas, com os mesmos valores

"individualistas" e "conservadores". Inclusive, o movimento não crivou maiores bases para o futuro, sendo sua intensidade tão ofegante quanto sua efemeridade.

As características de 1992 não se parecem muito com o radicalismo dos anos 1960, algumas até são incompatíveis. Uma destas características foi a crítica feroz à corrupção na política de modo a considerar que toda ação política está inapelavelmente imbuída deste mal, crítica que muitas vezes evocou tão somente uma rejeição de toda e qualquer política. Alguns poderiam até dizer que se xingou mais a política do que se fez ela. Mas, esse "político" criticado pelos jovens ainda era o "institucional", e isto parece ser um porém importante.

Outra característica foi a diversidade inegalável de concepções ideológicas encontradas. Ou seja, a ideologia política não era a base ou sustentação deste movimento. A Folha entrevistou jovens que se rotularam, ou melhor, se representaram como freaks, hippies, surfistas, comunistas sem partido, anarquistas, metaleiros etc. Havia até um punk ecológico. (Folha de S. Paulo, 26/ago./1992, Folhateen, p. 1). Um estudante de 17 anos, nos seus protestos, parece ainda mais longe de qualquer coisa que poderia ser associada à política: "Por que o Raul Seixas morre e o Sidney Magal fica vivo?" (ibid.). É claro que se tratava de uma exceção, tão exótica que o jornal não deixaria de publicar, mas ainda assim este relato indica a amplitude e a relativa fragilidade dos valores que amparavam esta mobilização.

E quanto às expectativas dos jovens, o que poderia ser dito? Alunos de uma escola estadual andaram a pé durante quatro horas, da zona leste da capital paulistana até o MASP, para participarem de uma passeata. Outros, apesar de virem de colégios particulares próximos do MASP, iriam ter também a mesma determinação, caso necessário. Mas, quantos não vieram apenas "na onda", mais interessados na "farra" ou em "matar" aula? Além disso, o que não dizer das paqueras que se tornaram romances, em plena passeata "política"? E dos namorados ciumentos, que só vieram para acompanhar as suas amadas?

Sobre o movimento estudantil pelo impeachment, em especial nos casos das passeatas dos secundaristas em São Paulo, pode-se dizer que as ruas foram espaço múltiplo de manifestação política (institucional ou não), social, cultural e até afetiva. Do discurso dos líderes estudantis à satisfação de "matar" aula para "cair na farra", tudo teve seu espaço, seu lugar e sua legitimidade. Não sei se se poderia ser dito de modo taxativo que o objetivo político concreto do Movimento pela Ética fosse o mais importante, ou que fosse o mais

característico ou o mais representativo. É que parece precipitado considerar que o bom humor, a criatividade, a guache nos rostos, as aulas "matadas", as paqueras e os namoros sejam meros detalhes ou substratos deste fenômeno social.

De um certo ponto de vista, a partir do que foi mostrado, as passeatas poderiam ser chamadas de generosos espaços de manifestação dos mais diversos valores, sub-culturas e expectativas. Não tão amplos para envolver simpatizantes de Collor ou mobilizar parte importante das classes trabalhadoras e idosos, mas nem tão restritos para exprimir com legitimidade apenas o radicalismo *stricto sensu* tradicional do movimento estudantil.

Referências

Folha de São Paulo. 26/ago./1992.

_____. 26/ago./1992, Folhateen, p. 1.

_____. 12/set./1992, p. I-4.

_____. 16/set./1992.

_____. 19/set./1992, p. I-10.

_____. 26/set./1992, p. I-10.

_____. 28/set./1992, Folhateen, p. 1.

_____. 29/set./1992, p. I-12.

_____. 29/set./1992, ed. Extra, p. 1.

_____. 5/out./1992, Folhateen, p. 1

Jornal do Campus. Universidade de São Paulo, São Paulo, 19/ago./1992.

_____. Mudanças sem memória, p. 2.

Vêja. 19/ago./1992, p. 22.

_____. 26/ago./1992, p. 23.

_____. 23/set./1992, p. 30.